

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 19, DE 6 DE MAIO DE 1999

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1607/98. Referência: Terra Indígena JAMINAUÁ/ENVIRA. Interessado: Grupos Indígenas Kulína e Kámpa. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena a que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

INSTITUTO  
Documentação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
Data: D.O.U. (88), 51  
Data: 11/05/99 Pg 3-6  
Ass: QMD 47146

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1607/98, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo NORALDINO VIEIRA CRUVINEL que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena JAMINAUÁ/ENVIRA, de ocupação dos respectivos grupos tribais Kulína e Kámpa, com superfície e perímetro aprovados de 82.000 hectares e 141 km respectivamente, localizada no município de Feijó, Estado do Acre.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Acre, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

MARCIO LACERDA

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA  
TERRA INDÍGENA JAMINAUÁ/ENVIRA

Referência: Processo FUNAI/BSB/1607/98. Terra Indígena: Jaminauá/Envira. Localização: Município de Feijó, Estado do Acre. Superfície: 82.000 ha. Perímetro: 141 km. Sociedades Indígenas: Kulína e Kámpa. População: Kámpa, 52 e Kulína, 40 habitantes respectivamente (1996). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 390/PRES, de 31/05/96, coordenado pelo antropólogo Antônio Pereira Neto.

1 - DADOS GERAIS

A identificação e delimitação da Terra Indígena Jaminauá/Envira resultou dos estudos e levantamentos realizados sob determinação da Portaria nº 390/PRES/96, publicada no DOU nº 107, de 04/06/96, fl. 3996, acima referida. Esta, no entanto, tem como objeto de estudo, segundo dispõe o seu Art. 1º, a T.I. Igarapé Anjo. Ocorreu que, em 1990, quando da elaboração da Listagem de Terras Indígenas a serem identificadas com Recursos do PPTAL - Projeto Integrado de Proteção das Terras e Populações Indígenas da Amazônia Legal, integrante do Programa Piloto para a Conservação das Florestas Tropicais - PP-G7, a FUNAI não contava com informações seguras e objetivas sobre o nome, a localização e a abrangência da área então reocupada, às margens do Rio Envira, pelo grupo resultante de uma cisão ocorrida entre os Kulína habitantes das margens do Igarapé Anjo, na T.I. Kulína do Rio Envira. Precisava, no entanto, atender às constantes solicitações informais de identificação de área para esse novo grupo. Contava, porém, com uma solicitação formal do antropólogo Kanaú para a identificação da área Igarapé Anjo (Silva, Abel de Oliveira - Kanaú - (Relatório do Projeto Igarapé Anjo, OPAN/CIMI, Rio Branco - AC, 1981). Assim, optou-se por listar o nome T.I. Igarapé Anjo, até a identificação formal da terra, ocasião em que seria definitivamente esclarecida qualquer dúvida e definido o seu nome.

A T.I. Jaminauá/Envira, localiza-se às margens do alto rio Envira, abrangendo a bacia do baixo e médio rio Jaminauá, no município de Feijó, Estado do Acre e limita, parcialmente, com as Terras Indígenas Kulína do Igarapé do Pau, ao Norte e Leste e Xinane, ao Sul.

As vias de acesso à T.I. Jaminauá/Envira é a fluvial partindo-se da cidade de Feijó ou da pista de pouso "Mapinguari", na Fazenda Califórnia. Dependendo do volume de águas do rio Envira, gasta-se, no primeiro caso, entre 02 e 08 dias, subindo o rio Envira; no segundo, entre um e dois dias, descendo o mesmo rio.

A língua Kulína, da família lingüística Arawá, é falada por todos os habitantes das duas aldeias Kulína desta terra, situadas às margens do rio Envira, enquanto a língua Kámpa, da família lingüística Arauák, é de uso generalizado entre os habitantes das três seções do aldeamentos Kámpa nela instalados às margens do rio Jaminauá. Tanto os homens Kulína quanto os Kámpa falam a língua Portuguesa, sendo que muitos deles falam, também a língua peruana. Diferentemente dos homens, as mulheres dos dois grupos, no geral, são monolíngues.

2 - HISTÓRICO

a) Quanto aos Kulína (ou Madihá)

A história da ocupação de todo o vale do rio Juruá, de seus afluentes e de afluentes destes, por populações não indígenas, começou a ocorrer, de fato, por volta de 1850, quando a necessidade de borracha nos mercados dos Estados Unidos e da Europa, levam os governos das províncias do Pará e Amazonas e as casas aviadoras de Belém e Manaus a incentivar a exploração desses rios e, em seguida a essa exploração, ao envio de milhares de trabalhadores que adentraram aqueles cursos d'água na faina de explorar o látex. Esta atividade implicou na fixação do seringueiro e da infra-estrutura necessária a sua sustentação, surgindo, daí, os seringais que tantos males causaram aos povos indígenas do Acre. Iniciou-se, neste período, uma guerra sem trégua com as populações nativas, destruindo, escravizando, exterminando, desalojando, em suma, abrindo espaços para o empreendimento seringalista.

Como as terras das bacias do rio Juruá e afluentes, à época da segunda metade do século XIX, pertenciam à Bolívia, pelo Tratado de Ayacucho, de 1867, também este país e o Peru que tinha pendência de terras no alto Juruá, exploravam essas terras. A atividade exploratória vinda desses países, especialmente do Peru, privilegiava o caucho que, diferentemente da borracha, não implicava em fixação de mão-de-obra, mas era, no entanto, tão valiosa quanto a primeira.

Assim, as populações indígenas acabam por ficar sob duas frentes de penetração, composta por milhares de pessoas modernamente armadas e abastecidas, sem ter para onde sair. O resultado é um genocídio incomensurável.

A memória Kulína, segundo registrado por Eduardo Viveiros de Castro. (Os Kulína do Alto Purus - Acre. Museu Nacional, RJ, 1978), dá como área de origem do seu povo e da maior parte dos atuais Madihá (categoria que denota origem comum, em termos geográficos), o médio rio Juruá e seus afluentes. Os pequenos grupos locais são perseguidos e forçados a migrar para os altos rios da região, fugindo das "correrias" impostas pelos seringueiros. Nesses locais foram também açoitados pelos caucheiros.

Quando da primeira queda da borracha, por volta de 1910, a perseguição pelos seringalistas tem como objetivo não mais o extermínio mas arrebanhar índios para servir de mão-de-obra em substituição a não-índia que ficava cada vez mais escassa e cara.

A ocupação do rio Jaminauá, pelos Kulina, se deu em fins do século XIX (Tastevin, Constant. O Rio Muru - Seus habitantes - Crenças e Costumês Kulina. La Geographie, t. XLIII e XLIV. 1925 a: 15). Segundo alguns registros, até então, a área era ocupada pelos Jamináua expulsos pelos Kulina fugidios das "correrias" sofridas nos rios Muru e Tarauacá. Por essa mesma época ocorreu a ocupação das margens do rio Envira pelo Seringal Califórnia, de propriedade de Prado & Azevedo, que ali se instalou em 1880.

Segundo registrado por Abel de Oliveira e Adolfo Killian, os Kulina que habitavam os inúmeros cursos d'água do rio Envira, foram utilizados, depois de muito reduzidos, pelo Seringal Califórnia. "(...) O referencial mais antigo desse massacre é *Huiniha Dsomaji Madihá*, índio Kulina residente na aldeia Igarapé Anjo, na Terra Indígena Kulina do Rio Envira. *Huiniha* é neto de *Jossama Dsomaji Madihá* (tuxaua Raimundo), segundo os Kulina, um *Taminé Imehi* 'grande líder' do povo Kulina. *Jossama* vivia com seu grupo, há cinco gerações passadas, numa grande aldeia na cabeceira do igarapé Cumaru, afluente do igarapé Jaminauá, que deságua no rio Envira, nas proximidades do Seringal Califórnia. Em depoimento gravado, *Huiniha* afirma que o líder *Jossama*, cansado de ser perseguido pelas balas de rifles dos nordestinos do Seringal Califórnia, desceu o Envira com seu grupo e rendeu-se ao Seringal. A história de *huiniha* é confirmada pelo testemunho dos velhos seringueiros: João de Deus, conhecido na região como João Coxo, que reside hoje às margens do rio Envira: 'Meu avô conheceu muito o tuxaua Raimundo (*Jossama*). Ele contava d'uma vez que o Envira ficou coalhado de Ubá, tudinho de tronco de paxiúba, para se amansar com os Prado & Azevedo; e Manoel Ferreira, com 73 em 1987, 'o último grupo desses Kulina (do Envira) quem amansou foi o Dr. Raimundo Prado, na cabeceira do Igarapé do Pau. Isto foi em 1926' (Silva, Abel de Oliveira e Kesselring Jr, Adolfo Killian. Área Kulina do Igarapé do Pau, 1987: 4/6). Também as histórias de vida dos habitantes mais velhos desta terra e que nela nasceram, a exemplo de *Filó Abá* (50 anos), José *Kirinô Abá* (48 anos), Luzia *Badu* (50 anos), Antônio *Bedi Dzuiri* (50 anos) e Alcides *Hanú* (49 anos), comprovam que: a) os Kulina do rio Envira vieram da região dos rios Muru e Tarauacá; e b) a T.I. Jaminauá/Envira é ocupada inquestionavelmente, pelos Kulina, pelo menos, a partir dos anos 20 deste século.

Segundo registros de Tastevin e outros, também outros grupos indígenas ocuparam esta área e mantiveram contatos com os Kulina. Ao historiar a vida de Ângelo Ferreira, misto de bandeirante, seringalista, "amansador de índios", fiscal de fronteira, nos informa que já em 1905, ele conseguiu "amansar" e ter consigo como trabalhadores praticamente escravos alguns grupos indígenas dos rios Tarauacá e Gregório. "Ele teve um discípulo na pessoa de um de seus companheiros, com o nome predestinado de Felizardo. Este, após a morte de seus companheiro, retirou-se entre os Kachinawa do Iboacu e os levou ao alto Envira, nas margens do Furnaya, o rio das águas baixas (em pano, *besna-ya*). Lá longe dos civilizados, ele os ensinou a colher látex do castilloa elástica (caucho), os manteve em paz com os seringueiros e manteve respeito dos outros índios" (Tastevin, Constant. O Alto Tarauacá. La Geographie, t. XLV, 1926:13; Aquino, Terri Valle de et alii. Kaxinauá do Rio Jordão. História, Território, Economia e Desenvolvimento Sustentado. Comissão Pro-Índio (1975-1994), Rio Branco, 1994: 10). Isto se deu em 1916.

A permanência dos Kulina nas imediações do Seringal Califórnia e, certamente, na área Jaminauá/Envira, é confirmada pelas histórias de vida referidas acima e também por Shwade ao assim se referir sobre eles: "O período mais cruel dessa guerra foi o de 1936 a 1954, época em que dirigiu o seringal (Califórnia) os senhores Custódio, Raimundo e Ramiro Prado de Azevedo. Principal responsável, Custódio Parado de Azevedo, marido de dona Neusa Parado. (...)" (Shwade, Egydio. Relatório da situação das populações do alto Envira. CIMI- OPAM (Prelazia Acre - Purus), Rio de Janeiro, 1976: 4). Atestam ainda esta ocupação as diversas capoeiras ainda reconhecíveis ao longo do rio Jaminuá, e em seus afluentes, especialmente as existentes no local denominado Buriti, situado à margem direita do Jaminuá, no qual, segundo os índios, tem muito *madihá* enterrado e as situadas às margens dos igarapés Cumaru e Furnaia.

A partir da década de 1960, a ocupação dessa área ou seu abandono temporário, como local de habitação, passa a ser confirmada por levantamentos de campo realizados inclusive por técnicos da própria FUNAI. Exemplificando temos que em 1976, foi constatado que parte dos Kulina que estavam residindo nas proximidades da Fazenda Califórnia havia saído da área do Jaminuá no mesmo ano de 1976: "Aldeia Tuxaua Bedi. Esta aldeia está a cerca de 5 meses no local e é resultante do pessoal que residia anteriormente às margens do rio Jaminuá, afluente da margem direita do Enviara" (Cruvinel, Noraldino Vieira et alii. Relatório Sobre Área Rio Envira - Acre. FUNAI, 1977: 26).

Esta mudança para as proximidades da Fazenda Califórnia, atendendo a pedido do administrador da mesma, deixa o rio Jaminuá sem habitação Kulina permanente até o ano de 1982, portanto, por aproximadamente seis anos, quando parte do grupo retorna e reocupa a área. Ela, no entanto, permaneceu em uso, vez que o rio Jaminuá continuou, mesmo nesse período, sendo utilizado como rota de ligação entre os diversos grupo Kulina e Kámpa. Testemunhos de regionais além de confirmar esta ocupação, vão mais longe, afirmam que os Kulina nunca deixaram de morar nela. É o caso do testemunho do Sr. Antônio Galdino. Segundo este senhor, apelidado Toinho Camucim, a presença Kulina na área nunca deixou de existir. Conforme seu depoimento ao Coordenador do GT. de identificação dessa terra, "no Jaminuá sempre teve Kulina mesmo quando a fazenda Califórnia colocou gado lá. Os Kámpa é que chegaram depois" (folha 27 do relatório).

Do ano de 1982 até os dias atuais o uso tradicional dessa área pelos Kulina é atestado pelos testemunhos de pessoas que residem em suas proximidades, pelos índios que a ocupam e pelas marcas dos usos nela deixados pelos Kulina que ali nasceram após aquele ano e que nela residem.

#### b) Quanto aos Kámpa (ou *Ashaninka*)

"A presença Kámpa em território acreano, conforme fontes confiáveis, data do início deste século, quando foram trazidos por caucheiros peruanos da região do alto Ucayali e do *Gran Pajonal*, uma região montanhosa aos pés dos Andes, para as cabeceiras do Juruá, e alguns de seus afluentes, como os rios Amônia, Breu, Jordão, Tarauacá e Envira" (Aquino, Terri Valle de e Outros. Grupo de Trabalho PP 1204/93, Rel. de Identificação e Delimitação da T.I. Kámpa do Igarapé Primavera - AC. Rio Branco, 1995: 5) Estas informações encontram respaldo em Leandro Tocantins que afirma: "Em fins de 1901, arribou à região do Purus o peruano Carlos Sharif, procedente do Juruá, de onde vinha, de pouso em pouso, desde o Ucaiale, a explorar caucho. Ele e sua numerosa gente, composta de índios escravizados, postos no serviço extrativista. (...) Suas correrias contra os índios, que lembram os métodos cruéis dos luso-brasileiros nas famosas tropas de resgate, na Amazônia colonial, foram célebres" (Tocantins, Leandro. Formação Histórica do Acre. Conquista, Rio de Janeiro, 1961, 3 v: 716). Procedente da região do Ucayali, região de domínio secular dos Ashaninka, estes, com certeza faziam parte dessa gente.

Segundo Abel Oliveira e Adolpho Kesselring, "o referencial mais antigo dos Kampa no Envira é Txompo, sexagenário pertencente a um dos dois grupos familiares que compõe a população Kámpa envirenha. Foi dele que obtivemos a informação de que há cerca de 60 anos, aproximadamente, aconteceu a primeira incursão do grupo no alto Envira, grupo liderado por Gregório Kampa, oriundo do Juruá" (Silva, Abel O. e Kesselring Jr., Adolpho Killian. Área Kámpa do Envira - Proposta para delimitação. 1987. Rio Branco, 1987: 11). No entanto, a fixação da primeira família de índios Kámpa, no rio Envira, ocorreu por volta do ano de 1947, e foi chefiada pelo índio Kitola. É desta data em diante, a ocupação permanente dos Kámpa na região do alto Envira. De início serviram de mão-de-obra para a exploração madeireira e, posteriormente, trabalharam nos seringais Cachoeira do Progresso, Simpatia e na Fazenda Califórnia. Os dois primeiros enquanto existiram e a último enquanto estava em atividade. A fazenda Califórnia embora ainda continue existindo está com suas

Documentação

D.O.U. (88)

Data 11/05/99 Pg 4

Class. OMD14612

atividades paralisadas há vários anos. Nos dias atuais apenas um encarregado está diretamente ocupado com a propriedade.

A importância dos Kámpa na região, para os caucheiros, seringalistas, seringueiros e madeireiros, devido à sua atividade, pode ser medida pelo seguinte texto de Arno Volguel: "As *razzias* dos Kampa sobre outros grupos indígenas fizeram-nos temidos e respeitados. Muitos regionais observavam que o tratamento dos Kampa como índios era injusto, pois, se não fossem eles, os estabelecimentos *cariú* da área continuariam expostos aos raides de pilhagem e morticínio dos Amahuaca e de outras tribos da região limítrofe com o Peru. Os Kampa são o melhor antídoto para a presença agressiva de indígenas nas proximidades da frente de expansão regional" (Volguel, Arno. *Kamparia - Breve Notícia Etnográfica*. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1978: 43). Os Kámpa foram também de grande importância para a subsistência dos seringais, como fornecedores de produtos agrícola, produtos de caça e pesca e na extração de madeira. A ligação de vários grupos familiares Kampa com esses empreendimentos foi de tal modo marcante que chegou a levá-los a fixar aldeamentos nas suas proximidades, como é o caso da família de Mário Kampa que construiu uma aldeia nas proximidades da cabeceira da pista de pouso da Fazenda Califórnia, onde foram encontrados em 1976, por técnicos da FUNAI, componentes do GT Portaria nº 799/PRES, DE 26/08/76.

A dispersão dos Kámpa das proximidades da confluência do rio Xinane com o Envira, deu-se, em 1986 e, por incrível que possa parecer, já que foram o terror dos outros grupos da região, fugindo a ataques dos "brabos", índios isolados tradicionais ocupantes das cabeceiras dos rios Envira e Xinane, e afluentes de ambos. Os enfrentamentos entre Kámpa e isolados, a partir dessa data, foram diversos. Os registros indicam correrias, incursões, ataques, dos isolados aos Kámpa, nos anos de 1962, 64, 65, 75, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 86, 88 e 96; e dos Kámpa aos isolados em 1980, 81 e 85.

A saída da família de Mário Kámpa do alto Envira deu-se, em 1987, por causa desses ataques quando seu grupo morava nas cabeceiras do igarapé Parananzinho e por brigas com Iran Kampa, líder na região do alto Envira. Após residirem algum meses com os Shanenáua, nas proximidades de Feijó, no verão desse ano subiram o Envira e, em conversa com o Tuxaua Kulína, Antônio *Bedi Dzuri*, que ocupava parte da terra ora identificada como Jaminauá/Envira, definiu-se por ficar no Jaminauá por não haver índios "brabos", senão em suas cabeceiras, ter boas capoeiras velhas para colocar roças, muita caça, muito peixe, ficar perto da cidade de Feijó, por não ter nenhum índio ocupando-a e, ainda, por ficar perto dos demais grupos Kámpa do alto Envira e afluentes. Ressalta-se que do Jaminuá para o rio Riozinho, a ligação é feita, freqüentemente, via igarapé Furnaia e rio Riozinho, o primeiro afluente do Jaminuá e o segundo do Envira. A parte seca dessa ligação entre os dois igarapés é feita por varadouro bem conhecido e bastante utilizado. Há, inclusive, famílias que mantêm roças às margens dos dois rios, rio Riozinho e rio Jaminuá, ao mesmo tempo.

De 1987 até os dias atuais os Kámpa ocupam, de modo pacífico, inquestionável e não contestado, juntamente com os Kulína, que a reocuparam com aldeias fixas a partir de fins de 1981 e início de 1982, as margens do rio Jaminuá e afluentes. Esta ocupação tem, para a região, uma importância especial, vez que, desde aquela data, nela não se pesca, caça ou extrai produtos florestais de modo predatório.

### 3 - HABITAÇÃO PERMANENTE

Os Kulína e os Kámpa, da bacia do rio Envira, habitam aldeias fixas, edificadas em áreas altas, às margens dos seus principais formadores e aldeias temporárias construídas nas suas praias. As primeiras compõe-se de habitações de duração prolongada, em muitos casos, em estilo regional e as últimas, de tapiris feitos com tacana, de duração temporária - geralmente um verão, período que vai de abril/maio a setembro/outubro.

Das duas aldeias Kulína, a do tuxaua José *Kirinô Aba*, com 5 casas ocupadas por 21 pessoas, situa-se à margem direita do rio Envira, a aproximadamente 01 km, à jusante, da foz do rio Jaminuá; a do tuxaua Antônio *Bedi Dzuri*, com 3 casas habitadas por 19 indivíduos, localiza-se à margem esquerda do mesmo rio Envira, a aproximadamente a 500 metros, à montante, da foz do dito rio Jaminuá. Estas duas aldeias, distantes em cerca de 1.500 metros uma da outra, constituíam, até janeiro próximo passado, uma única, liderada por *Bedi dzuri*.

Os critérios definidores da reocupação desta área pelos Kulína são: a) falta de condições que possibilitassem acesso a produtos ou serviços dos quais dependem, na T.I. Kulína do Rio Envira, a exemplo de trabalho remunerado; b) medo de feitiçaria. O pai de *Kirinô* teria sido morto por feitiço na Terra Indígena Kulína do Rio Envira; c) localizar-se a área do Jaminuá/Envira em um ponto estratégico para as ligações intergrupais; d) ser esta área local privilegiado na relação com os *cariú* (não-índios), especialmente quanto a abastecimento de produtos manufaturados e assistência à saúde; e) possuir fartura de caça, peixes e produtos para coleta; e f) desejo de retorno aos locais onde nasceram, principalmente por parte dos mais velhos.

O aldeamento Kámpa, no rio Jaminuá, localiza-se à sua margem direita, há cerca de três horas de barco, a motor de rabeta, partindo-se da sua confluência com o rio Envira. Compõe-se de três seções localizadas próximas umas das outras: seção do Miano Kámpa, com duas casas ocupadas por 13 pessoas; seção Alto Bonito ou Mário Kámpa - o centro físico, sócio cultural e político do aldeamento - com cinco casas habitadas por 33 pessoas; e a seção do Severino, com uma única casa na qual residem seus familiares que somam 06 pessoas.

Os fatores básicos que levaram a ocupação dessa área, em 1987, pelos Kámpa, são: a) procura de melhores condições de vida; b) distanciamento da área de ataque dos índios isolados; c) escasseamento de caça, peixes e produtos de coleta na área do antigo aldeamento; d) decisão de viver sem "patrão"; e) abundância de caça, peixes e produtos de coleta nesta área; d) maior facilidade de comercialização da produção agrícola, especialmente do feijão porroto ou peruano; f) maior facilidade de acesso a assistência à saúde; e g) inexistência de ocupação física na área. Outro determinante para as migrações é a procura de trabalho. A venda da força de trabalho, especialmente pelos Kulína, tem sido uma das poucas maneiras de conseguir recursos para a obtenção dos produtos manufaturados de que mais necessitam, especialmente: sal, açúcar, roupas, produtos para caça e pesca, medicamentos, álcool, etc.

Há entre os diversos grupos Kulína e Kámpa, uma intrincada rede de inter-relações, que levam-nos, especialmente no período das secas, a uma grande mobilidade ditada por padrões culturais - modo de exploração dos recursos ambientais, parentesco consanguíneo, casamentos, mortes e acusações de feitiçaria. Esta mobilidade pode ser de indivíduos, famílias nucleares ou extensas que migram, temporária ou definitivamente, para outras aldeias, no Brasil ou no Peru, ou para locais ainda não ocupados.

### 4 - ATIVIDADES PRODUTIVAS

As principais atividades produtivas desses dois grupos são a agricultura, a caça, a pesca e a coleta. A venda da força de trabalho, a extração e comercialização de produtos agro-florestais - venda de madeira, animais, aves e peixes, ou mesmo de artesanato, tem pouco ou nenhuma significação no momento.

A unidade básica de produção dessas duas sociedades é a família nuclear, no entanto, algumas atividades, no todo ou em partes, podem ser, e muitas vezes são, executadas por famílias extensas.

Documentação

Porte D.O.U. (88)

Data 11/05/99 Pg 4

Class OMD146(3)

Kámpa e Kulína praticam a agricultura de subsistência, destacando-se o cultivo de mandioca, banana, milho, melancia, tubérculos diversos, algodão, fumo, etc. As roças de terra firme são implantadas em áreas situadas o mais próximo possível das aldeias, que possuam boa qualidade de solo, fiquem fora do alcance das inundações, de animais domésticos e das formigas. Quando tais locais não existem nas proximidades das aldeias, outro fator básico para a escolha do local de implantação da roça é a via de acesso, no caso, cursos d'água navegáveis. Após a escolha da área a ser cultivada são feitas a broca e a derrubada. A queima do roçado segue-se a coivara e, não havendo necessidade ou conveniência de destoca, o plantio das diversas variedades que serão cultivadas em consorciação.

Além das roças de terra firme, nas quais se plantam culturas de ciclo mais longos, como mandioca, banana, cítricos, cana-de-açúcar, mamão, fumo, algodão, etc., utilizam também as praias mais altas dos rios e igarapés para cultivar plantas de ciclo curto, a exemplo de melancia, abóboras, milho, etc. e, no caso dos Kulína, feijão. Entre os Kámpa o cultivo do feijão, conhecido como feijão poroto ou peruano, tem características próprias e objetivo comercial. É feito em terra firme, sendo a sua semeadura realizada após a broca e antes da derrubada que é feita imediatamente à semeadura. As plantas não são queimadas passando as árvores a servir como suporte para as ramas do feijoeiro.

Caça, Pesca e Coleta, destinadas ao consumo diário de cada aldeia, são praticadas em áreas que se localizam a uma distância aproximada de até 15 km das mesmas. Nas caçadas ou pescarias objetivando ao fornecimento de alimentos à realização de eventos especiais, ou mesmo as destinadas a consumo diário em períodos de escassez, esta distância pode aumentar significativamente. A caça é atividade masculina, a pesca e a coleta de ambos os sexos, sendo a pesca mais praticada pelos indivíduos de sexo masculino e a coleta pelos de sexo feminino. Ainda que se possa caçar ou pescar em qualquer época do ano, o verão é, por excelência, o tempo de pesca e o inverno, o tempo da caça.

As técnicas utilizadas são as tradicionais e vão do arco e flecha às espingardas e aos anzóis, quando possível. A prática do envenenamento de trechos de igarapés ou lagos com o uso de plantas, especialmente as cultivadas, tem seu uso restrito ao período seco.

## 5 - MEIO AMBIENTE

Na região onde se localiza a T.I. Jaminuá/Envira, o relevo em sua maior parte é classificado pelo RADAMBRASIL (Brasil, 1976), na forma de dissecação colinosa e crista com topos pouco convexos. Predomina o Grande Grupo cambissolo eutrófico. Conforme interpretação de imagens de satélite LANDSAT, na Fundação de Tecnologia do Acre, a área possui as seguintes tipologias: a) Floresta Ombrófila Aluvial Aberta com Palmeiras; b) Floresta Ombrófila com Bambu; e c) Floresta Ombrófila Aberta com Palmeiras.

Segundo a Geógrafa Margaret Barbosa Diógenes, participante do GT que realizou os estudos e levantamentos na área, "os recursos naturais que são utilizados tradicionalmente pelos Kámpa do Alto Bonito para sua subsistência, hoje são encontrados e preservados pela etnia na bacia do Jaminuá, do igarapé Imburana até o igarapé Furmanha, principalmente à margem direita do Jaminuá, onde existe uma representatividade maior de Floresta Ombrófila Aberta com Bambu.

Do igarapé da Laura até o igarapé do Pedro os Kulina da aldeia do Bedi e Zé Kirinô vêm utilizando os recursos que ocorrem nas três tipologias dessa região, conforme as características ecológicas e disponibilidade destes recursos no ano" (Relatório Ambiental do GT Portaria nº 390/PRES/96, Rio Branco, outubro de 1996, fl. 7, anexo ao Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Jaminuá/Envira).

Assim, lembrando que essas áreas são também utilizadas para agricultura, a preservação dessas bacias, além de contribuir significativamente para a subsistência física e cultural dessa população Kulína e Kámpa, é imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar das mesmas.

## 6 - SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

Os estudos e levantamentos realizados *in loco* não constataram a presença de ocupantes não-índios ou de quaisquer benfeitorias edificadas nesta terra que não as indígenas. Segundo o relatório em resumo (fl. 165), "(...) percebeu-se que a vizinhança não-indígena contatada, moradores daquela região há pelo menos 10 anos, respeitam plenamente os limites estabelecidos pelos índios daquelas três aldeias, sem nenhuma resistência e, por outro lado, os índios também respeitam os limites com seus vizinhos não-índios (...)".

No levantamento cartorial realizado constatou-se que toda a área dessa terra, bem como a de toda a bacia do alto rio Envira, na qual se localizam as Terras Indígenas Kulína do Rio Envira (registrada em 1988); Kámpa e Isolados dos Rio Envira (Portaria nº 45/MJ, de 19/01/98); Kulína do Igarapé do Pau (Declarada pela Portaria nº 308/MJ/93); Alto Tarauacá e Xinane (interditadas pelas Portarias nº 3764 e 3765/PRES/87, respectivamente), está registrada - registro de Seringais que soma 604.989 ha - em nome de Neuza Prado de Azevedo que, em 1987 através de escritura pública, a vendeu aos irmãos Jorge Wolney, Jorge Edney, Jorge Rubdneu e Jorge Sidney Atalla. Estes, embora escriturados, desde o início da década de 1980, desprezaram até a parte da área que por algum tempo exploraram. Atualmente apenas um encarregado cria gado para si mesmo nas imediações da sede da Fazenda Califórnia, fora da terra identificada, fazendo uso das instalações que ainda resistem ao tempo, sendo que a área ocupada fica distante da área identificada.

## 7 - CONCLUSÃO

Da análise do relatório com fulcro no Art. 231 e § 1º da Constituição Federal de 1988, constata-se que a área visualizada pelo Mapa de Delimitação e descrita pelo Memorial Descritivo que, se seguem, é de uso tradicional dos grupos indígenas Kulína e Kámpa, sendo imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar dos dois grupos e necessária à reprodução física e cultural dos mesmos, segundo os seus usos, costumes e tradições. Resumidamente porque: a) os Kulína habitam-na desde o início da segunda década do presente século XIX e os Kámpa desde o ano de 1987, estando nela organizados segundo padrões culturais próprios; b) nela exercem, segundo suas formas tradicionais de subsistência física e cultural, a agricultura, a caça, a pesca e a coleta; c) nela nascem, crescem e vivem, são mortos, enterrados e praticam seus ritos; d) nela realizam ou dela partem suas migrações inter e intra-grupais que são intrínsecas a estes dois grupos e imprescindíveis à troca de bens materiais, à manutenção e ou estabelecimento de relações de amizade ou ao cumprimento de obrigações ditadas pelas regras de parentesco, e à busca de cônjuges; e) dela dependem esses dois grupos para a preservação dos recursos ambientais que utilizar em suas atividades básicas de subsistência física e cultural; e f) são terras necessárias à reprodução física e cultural desses dois grupos, segundo seus usos costumes e tradições.

Quanto à situação fundiária, comprovou-se através dos levantamentos *in loco* ser a área respeitada como Kulína e Kámpa pelos ocupantes lindeiros não-índios estabelecidos há mais de 10 anos na região; que não há nenhuma ocupação não-índia em seu interior; que as únicas benfeitorias ali existentes são indígenas.



denominação

MUNICÍPIO DE

Ponte **D.O.U. (88)**

Data **11/05/99** Pg **6**

Class. **(MD)46(6)**

WGr., localizado na confluência do Rio Envira com o Igarapé da Laura; daí, segue por este, a montante, até o Ponto P-05 de coordenadas geográficas aproximadas 09°31'56" S e 70°59'22" WGr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue por este, a montante, até o Ponto P-06 de coordenadas geográficas aproximadas 09°22'09" S e 70°57'57" WGr., localizado em sua cabeceira; daí, segue por uma linha reta até o Ponto P-07 de coordenadas geográficas aproximadas 09°22'09" S e 70°57'24" WGr., localizado na confluência de dois igarapés sem denominação, afluentes da margem esquerda do Igarapé do Pedro; daí, segue pelo igarapé principal, a jusante, até o Ponto P-08 de coordenadas geográficas aproximadas de 09°21'31" S e 70°55'41" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Ponto P-09, coincidente com o Ponto 09 do memorial descritivo da Terra Indígena Kulina Igarapé do Pau, de coordenadas geográficas aproximadas 09°21'53" S e 70°55'26" WGr., localizado na confluência de um igarapé sem denominação com o Igarapé do Pedro (a linha seca entre os Pontos P-08 e P-09 confronta com o limite da Terra Indígena Kulina Igarapé do Pau); daí, segue pelo Igarapé do Pedro, a montante, até o Ponto P-10 de coordenadas geográficas aproximadas 09°30'30" S e 70°56'15" WGr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue pelo igarapé sem denominação, a montante, até o Ponto P-11 de coordenadas geográficas aproximadas 09°31'36" S e 70°56'52" WGr., localizado em sua cabeceira; daí, segue por uma linha reta até o Ponto P-12 de coordenadas geográficas aproximadas 09°34'25" S e 70°57'35" WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Igarapé Mulateiro. SUL: Do Ponto antes descrito, segue por uma linha reta até o Ponto P-13 de coordenadas geográficas aproximadas 09°42'03" S e 71°06'06" WGr., localizado próximo as cabeceiras de dois igarapés sem denominação, afluentes da margem direita do Rio Jaminauá; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-14 de coordenadas geográficas aproximadas 09°38'36" S e 71°14'38" WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do Igarapé Furnanha. (a linha seca entre os Pontos P-13 e P-14 confronta com o limite norte da T.I. Xinane). OESTE: Do Ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o Ponto P-15 de coordenadas geográficas aproximadas 09°30'33" S e 71°11'10" WGr., localizado na confluência de dois igarapés sem denominação, afluentes da margem esquerda do Igarapé Furnanha; daí, segue por uma linha reta até o Ponto P-16 de coordenadas geográficas aproximadas 09°22'36" S e 71°02'54" WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Rio Envira; daí, segue por uma linha reta até o Ponto P-17 de coordenadas geográficas aproximadas 09°22'24" S e 71°02'36" WGr., localizado na margem esquerda de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do Rio Jaminauá; daí, segue por uma linha reta até o Ponto P-18 de coordenadas geográficas aproximadas 09°21'15" S e 71°02'28" WGr., localizado na margem direita do Rio Envira; daí, segue por uma linha reta, atravessando o citado rio, com aproximadamente 700 m, até o Ponto P-19 de coordenadas geográficas aproximadas 09°20'51" S e 71°02'24" WGr., localizado em sua margem esquerda; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-01, início da descrição deste perímetro. Técnico Responsável pela Identificação dos Limites: Paulo Afonso Nunes de Carvalho, técnico em agrimensura.